

# COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 413

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**  
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—TERÇA-FEIRA 26 DE OUTUBRO

Correspondencia estrangeira

PARIS, 16 DE OUTUBRO

(Correspondencia particular do «Commercio do Minho»)

O ministro do interior, vice-residente do conselho, M. Buffet, acaba de annunciar oficialmente á Commissão de permanencia, que no começo da proxima sessão será submettido á deliberação da Assembléa um projecto de lei eleitoral. Ora, como as ferias acabam no dia 14 do proximo novembro, brevemente saberemos a que nos ater ácerca da dissolução do parlamento.

Buffet deseja que a França proceda antes de fundar o anno ás eleições legislativas, mas com a condição de que seja adoptado o escrutinio de arrolamento. Graças, com effeito, a este procedimento, M. Buffet conta obter uma maioria de deputados conservadores, dedicados á politica ministerial.

Os prefeitos e todos os agentes do governo percorrem as povoações ruraes, prodigalizando-lhes promessas e ameaças. Com o escrutinio de lista os agentes do poder nenhuma influencia exerciam sobre o corpo eleitoral, que não podem nem corromper nem seduzir. Ora, como actualmente a maior parte dos eleitores estão fanatizados pelos republicanos, seria muito para receiar, se o escrutinio de lista fosse adoptado, que as proximas eleições turgissem a nova camara de demagogos e radicães. Para obviar a este lamentavel resultado, M. Buffet adiaria as eleições dado o caso que assim se presumisse aconteceria.

O vice-presidente do conselho acaba de ceder ás recriminações dos radicães, demittindo o prefeito de Lyon, M. Ducros, que foi substituido por M. Welche,—o que é uma perda sensivel para o partido conservador.

Lavra grande indignação entre os legitimistas, por causa d'uma carta dirigida pelo conde Gabriel de Belcastel ao jornal «L'Univers». Este cavalheiro, membro da extrema direita, tinha-se até hoje mostrado moi dedicado a M. o conde de Chambord: porisso qual não foi o espanto dos realistas, ao vel-o incriminar indirectamente Henrique V, accusando-o, em termos pouco brandos, de ter elle proprio, sido obstaculo á restauração da monarchia. Mas ainda não é tudo. M. de Belcastel declara que adere ao governo republicano. Não lhes custará comprehender a surpresa que tenha causado esta singular profissão. Muitos realistas estão vivamente irritados, e não hesitaram um só momento em profligar o pronunciamento de Belcastel. Outros, porém, approvam-no e annunciam que obrarão do mesmo modo.

Os republicanos conservam-se não mais unidos que os realistas. Ha quatro meses que um novo grupo politico se formou no seio do seio do partido radical,—o grupo dos intransigentes. Estes pretendem que os republicanos não sido moi contemporisadores com o ministerio e lhe tem leito demasiadas concessões. Não querem continuar, dizem elles, a ser complices ingenuos d'uma politica reaccionaria. Procurarão, pois, repellir todas as leis apresentadas pelo governo, e em promover-lhe uma guerra sem treguas.

Os mais apaixonados do grupo, os cidadãos Madier de Montjan e Naquet percorrem as provincias do Meio-dia e esforçam-se por sublevar aquellas populações, dizendo-lhes que os republicanos moderados trahem a republica, e que na realidade só trabalham para o restabelecimento da monarchia orleanista.

Para diser a verdade aos leitores, es-

tes intransigentes são considerados como ambiciosos e de maus precedentes por um antigo membro do governo de 1848, o socialista Luiz Blanc. Este cidadão sente grande inveja do prestigio de que goza entre os republicanos o ex-dictador Gambetta, e não lhe soffre o animo que, apesar da sua pouca idade, M. Gambetta esteja dirigido o partido democratico francez. Ora, é com o intuito de destruir o prestigio de Gambetta e de lhe alienar adhesões, que M. Blanc os persegue actualmente.

Não ha alli, pois, mais do que uma guerra de rivalidade.

Para neutralisar as intrigas do seu cor-religionario, o cidadão Gambetta propõe-se pronunciar brevemente um extenso discurso no qual advogará as circunstancias atenuantes em favor da politica dita moderada. Não acreditem porisso que os principios politicos de Gambetta sejam menos avançados que os de M. Luiz Blanc.

Estes dois deputados tem absolutamente o mesmo programma; apenas differem sobre a questão da oportunidade. Um crê que é mais habil affectar uma certa moderação; o outro pensa que é necessario afirmar as ideias democraticas, sem a minima dissimulação.

M. Thiers está naturalmente d'accordo com M. Gambetta; elle vae, tambem proximo, pronunciar um discurso, para combater os intransigentes, dos quaes um dos mais fanaticos, M. Engelhaiz, acaba de ser nomeado conselheiro municipal de Paris.

H.

(Conclue no proximo n.º)

## Os cemiterios.

D'um jornal brasileiro:

Hoje, em que tanto se falla de secularisação dos cemiterios sem mesmo comprehender a etimologia d'esta palavra e ainda menos a significação mística do logar que ella exprime, vejamos o que significa esse logar de honra que a Religião destina para o repouso de nossos corpos separados temporariamente de nossas almas; admiremos a sua linguagem moda mas eloquente, fallando continuamente ao christão dos seus destinos immortaes, ao passo que enche de terror e de pungentes apprehensões o coração do impio e do materialista.

A palavra cemiterio quer dizer dormitorio, e foi o christianismo quem primeiro deu este nome ao logar onde repousam os finados: a morte, a seus olhos, não é mais que um somno, ora o somno encerra a ideia de acordar, e pois a palavra cemiterio recorda-nos o dogma da resurreição.

A Igreja deu sempre provas do mais profundo respeito pelos despojos mortaes dos seus filhos.

Os primeiros templos e as catacumbas eram cemiterios, e era entre os mortos que os vivos se reuniam para orar e offerecer os santos Misterios. Mais tarde, sendo-lhe concedida a paz e com ella a liberdade de construir templos christãos, a Igreja empenhou-se em consagrar um logar para as sepulturas; quiz que este logar fosse contiguo ao templo, afim de despertar a um tempo a lembrança do berço e o pensamento da morte, e mostrar aos homens que uma mãe não se esquece de seus filhos, mesmo quando não pertencem mais ao numero dos vivos.

Todos os cemiterios são bentos: a Religião nos ensina que a morte não despoja os homens de sua entidade, e que elle continúa a ser respeitavel até nas cizas de tumulo.

A benção dos cemiterios é uma cerimonia reservada ao bispo ou sacerdote a quem elle para isso auctorisar.

Na vespera da cerimonia fúca-se no meio do cemiterio uma cruz de páo da altura de um homem, tendo tres hastes tambem de páo dispostas para receber tres velas, sendo uma no tope e duas nas extremidades de cada braço. Diante da cruz fúca-se uma estaca de páo de 2 pés de altura, tendo na extremidade tres hastes semelhantes ás da cruz. Como são cheias de instrucções todas as ceremonias da Igreja essa cruz que representa o Salvador do mundo lá fica de pé para proteger os despojos do homem, de que a madeira privada de seiva e de vida é imagem fiel.

No dia seguinte o bispo ou o sacerdote incumbido da benção, dirige-se ao cemiterio, revestido de ornamentos brancos, emblema de um misterio consolador; as velas são accesas para significar a resurreição, e o seu numero indica a SS. Trindade em cujo nome e por cujo poder se deve operar a resurreição.

A oração seguinte, que o celebrante reza, revela-nos o espirito d'esta tocante cerimonia: «O Deus omnipotente e misericordioso, que sois o protector das almas e a esperanza dos fieis, ouvi benigno a nossa supplica, e dignai-vos com a vossa benção celestial purificar este logar e tornar-o santo, afim de que os corpos que n'elle repousam mereçam, depois d'esta vida e no grande dia do juizo, a immortalidade feliz, e partilhem a ventura eterna com as almas justas»

Após esta oração, o clero e os fieis, prostrados de joelhos diante da cruz, cantam a ladainha de todos os santos para rogar-lhes que unam suas preces ás nossas.

Segue-se depois uma procissão solemne em redor do cemiterio, com aspersões de agua benta e canto do Miserere, e tudo isto tira do logar e da circumstancia o quer que seja de tocante e lugubre.

O celebrante volta para junto da cruz, pois é ali que convém orar. Elle dirige uma nova supplica ao Deus da vida e da morte, e tira depois as velas accesas de sobre a estaca para collocar-as nas hastes da cruz. Este acto parece dizer ao homem: «A esperanza de resurreição que contigo desce ao tumulo, será realisada por Jesus Christo. Tu és membro d'elle, elle o teu chefe; elle resuscitou; repara, o seu corpo resplandece já d'immortalidade.» Arranca-se a estaca, mas fica a cruz para apregoar a todas as gerações: «Vós resuscitareis; vosso Redemptor aqui está de pé e guarda vigilante o logar em que a morte vos venceu; e o celebrante, considerando na cruz o Deus que ella representa, a sauda com respeito, incessante por tres vezes e retira-se.

Cause, pois, para o christão o terror da morte, pois que em breve não será mais presa d'ella; tenhamos diante dos olhos o emblema da resurreição e da immortalidade, que nos aguarda no proprio logar de nossa sepultura; quando visitarmos esses sitios, onde descansam nossos antepassados e onde nós mesmos repousaremos um dia, façamol-o com respeito, unido ao justo sentimento de pesar e de tristeza que elles nos inspiram, pensamentos que desapeguem da terra as nossas almas, e as elevem para a mansão eterna dos eleitos de Deus.

## Dois novidades ao sr. Sergio e a outros livres-pensadores

O sr. Sergio de Castro, academico que não temos a honra de conhecer, escreveu alguns, assim a modo de querer dar uma piadinha ao artigo das Farpas sobre

os Lazaristas do sr. Ennes, que ha dias transcrevemos com o elogio, que elle merecia (nas Farpas todavia *ne semper lilia florent*):—digamos isto para descargo de consciencia:

«Dezejava eu saber se a mulher que tão bem tratou um enfermo estranho (?) nas terras d'Africa não tinha deixado a morrer na Europa seu pae estremecido que se finára com a dor.»

O argumento, embora sofisticado por todos os lados por onde se encare, é com tudo asperioso. Mas nós temos a dizer algumas coisas e principalmente a dar duas novidades ao sr. Sergio.

Tenha paciencia de nos ouvir:

1.ª coisa:—O seu argumento prova demais; e por isso nada prova. Se elle fosse verdadeiramente logico e conclusivo, seguir-se-ia que ninguem poderia sair nunca do lado de seus paes, nem por motivos de Região ou de caridade, nem para augmentar fortuna, ou para se divertir, ou para instruir-se, fazendo investigações scientificas, ou para casar em paiz distante, etc., etc.

Isto mette-se pelos olhos, e é escusado insistir. O sr. Sergio deve confessar que por este lado *rem acu non tetigit*; isto é, que cincou.

2.ª coisa:—Será verdade que para catholicos haja «estranhos» em qualquer ponto da terra? O Espirito Santo não o diz; antes se estabelece doutrina contraria em varias partes da Escripura. Citaremos só um logar:—*Non est distinctio Judaei et Graeci*, etc.

E accrescenta a razão (Rom., 10. 12.)—*Nam idem omnis omnium.*

Quem ignora o que significa a palavra catholico?... E se até os maçoens chamam irmãos em todos os pontos do mundo, teria graça que os catholicos se chamassem estranhos!

Mas para certos e determinados catholicos—digamos antes—para mulheres catholicas, dedicadas de um modo especial ao exercicio da caridade, isto é, ao sacrificio e á dedicacão pelo proximo (argumento *à fortiori*), será possivel admittirem-se estranhos?! Proximo-estranho!—que contra-senso!

Concorde, sr. Sergio.

3.ª coisa:—Voltando ao seu argumento, não lhe parece que, se elle fosse verdadeiro, nos deviamos confessar devedores da civilisação christã a uma serie de peccados e de crimes dos primeiros Apostolos, que abandonaram pae e mãe que se *poliam* «linar com a dôr», para nos virem pregar o Evangelho a estas remotas plagas lusitanas?

Não era melhor, só, para não faltarem a um dever de justiça, deixarem-nos com nossos feliches, com nossas divindades suinas, com nossos cruentos sacrificios humanos de vez em quando, e até mesmo com nossas bolotas, do que virem lá de tão longe, deixando o papá «estremecido», e talvez—o que ainda é mais sentimental—a mamã chorando, só para obedecerem ao—*proedicate Evangelium omni creaturae?*

Ah! sr. Sergio, pensou no que disse?! Mesmo só racional, mesmo só philosophicamente fallando...

Confesse que não pensou, ou que pensou mal.

E agora dar-lhe-hemos as duas novidades prometidas:

1.ª NOVIDADE:—Deve saber o sr. Sergio que entre as Irmãs da Caridade (assim como entre os Lazaristas, entre os Jesuitas, e em geral, nas comunidades religiosas catholicas) não se aceitam novos membros (pretendentes ou aspirantes ao noviciado), sem que provem que seus paes, avós, irmãos ou irmãs em tenra ida-

de, ou em idade perigosa, não precisam absolutamente d'elles para viver com certa decencia, segundo o seu estado.

Não lhe parece que as leis e as instituições, meramente, civis nunca foram mais longe no respeito á piedade filial; pois que passados, quando muito, os 23 annos de idade, uma filha ou um filho... (bem sabe o que queremos dizer).

—«Sim!»—replicar-nos-ha talvez, o sr. Sergio, disfarçando a admiração que lhe causou, por certo esta novidade, e pretendendo por outra parte apanhar-nos em sua rede solistica e palavrosa; «Sim! muito bem! Mas se os paes ou irmãos, de um mancebo ou de uma donzella não precisavam d'elle ou d'ella, para viverem segundo a decencia do seu estado, quando qualquer dos dois entrou no noviciado, não pôde acontecer que depois venham a cair na extrema miseria? Logo, eis ahi que...»

Esperre, espere sr. Sergio; não vá mais adiante, pois que lhe queremos dar a

2.<sup>a</sup> NOVIDADE: — Quando parentes muito proximos (irmãs orfãs, por exemplo, e paes, sobre tudo) de um membro de qualquer ordem religiosa cairem em extrema miseria, de modo que, racionalmente, se julgue precisarem do auxilio material d'aquelle membro de sua familia para viverem livres de vergonhas do mundo, como é costume dizer-se, de duas uma: ou esse membro da ordem religiosa, que realmente nunca deixou de ser membro da familia, por muito energico que sejam certos textos evangelicos—textos que muita gente não entende, ou finge não entender—ou esse membro, repetimos, pede á autoridade competente a sua demissão, para ir onde o chama a voz de um dever natural, santificado pela lei da graça; e essa demissão, izenta de toda a censura (note bem!), jámais lhe será negada; ou se o demittir-se não é o que mais convém, nem o que melhor e mais promptamente remediaria o mal; e se a ordem religiosa a que pertence o não quer perder, dispôr-se-hão as coisas de tal modo que se acuda á urgente necessidade, segundo a caridade bem entendida, cumprindo-se assim um dever de piedade filial, e ficando todos satisfeitos:—*tutti contenti!*...

E que tal?

Que mais quer o sr. Sergio de Castro? Querendo mais, vá a sua casa.

Mas antes, dê cá essa mão... Adeus! au revoir!

Ligeiros traços biographicos:—Este sr. Sergio de Castro é um mancebo de muito talento, de muita leitura (mal escolhida, isso sim). Tem bastante penetração, bello estilo; e o que mais concilia a nossa benevolencia, e um certo affecto ou sympathia para com elle, é a sua franqueza. Tem-o seguido desde muito atravez de varias folhas em que elle tem publicado os seus artigos; encontrámo-lo sempre um impio, por desgraça; mas se nos não falla a memoria, ainda o não encontramos um hipocrita, como a muitissimos outros de seus collegas e amigos, livres pensadores. Este não se finge christão, muito menos catholico, para combater os *ultramontanos*. Entre adversarios das nossas crencas os homens do caracter do sr. Sergio são os unicos a quem não duvidariamos estender a mão.

Verdade é que por bastantes vezes o temos perdido de vista: e durante esse tempo, quem sabe?!... Havemos soffrido tantas desillusões a similhante respeito! No entanto, supponmos o melhor, ou antes o menos máo, que é essa a nossa obrigação.

S. S.<sup>a</sup> tem pessimas idéas, está cheio de prevenções ridiculas, e é d'uma ignorancia crassa em tudo o que diz respeito á Religião e ás questões sociaes religiosas que mais se agitam em nossos tempos. Estuda em Coimbra, depois de haver estudado n'algun collegio ou lyceu d'esses que por ahi ha. Será elle o unico culpado do estado lastimoso em que se encontra o seu espirito?

Creemos sinceramente que não...

Dada a condição apontada de seu caracter; estudando melhor; e sobretudo—e muito principalmente—orando um pouquinho a esse mesmo Deus, de cuja existencia duvida; e procurando ser humilde; nutrimos firme esperanza de que ainda virá a ser dos nossos.

«É um furibundo, é um exaltado—ouvimos dizer.—Tanto melhor e tanto mais facil (ah! os moderados!... É sincero? é franco?»

Por isso mesmo *ha-de vir!*

[J. da Tarde]

## REVISTA ESTRANGEIRA

### Hispanha.

Hendaya 14.—Alguns emissarios chegados de S. Sebastião offereceram aos carlistas, a preço d'ouro, a entrada de muitas posições.

Segundo a ordem do dia o commandante general d'Andoain, 403 bombas foram lançadas sobre S. Sebastião desde o dia 28 de setembro.

O general Trillo, no seu relatório sobre a batalla do dia 28, reconhece ter sido batido, elle confessa uma perda de 253 homens.

100 bombas cabiram a noite ultima sobre S. Sebastião; os estragos são grandes.

—Hendaya 16.—O inimigo, em procura do qual o Rei tinha ido até a Los Arcos, dirigiu-se sobre Victoria.

S. Magestade tornou a entrar em Estella, acompanhado do conde de Caserta e do duque de Parma.

Os carlistas derrotaram uma columna affonsista de 2:000 homens e perseguiram-na até S. Vicente (provincia de Logroño), de onde ella tinha sahido.

Outras forças que tinham tentado uma marcha contra as posições carlistas nos arredores de Bilbao, foram igualmente repellidoas.

—Tolosa 13 de outubro.—«O general Huguet, chefe da 1.<sup>a</sup> divisão da Catalunha, acaba de infligir ás tropas de Martinez Campos um cheque de gravidade.

No dia 21 de setembro, a columna affonsista de Camprubi e Moreno, forte de 1:200 homens, 2 peças de artilheria e 70 cavallos, atacava quatro companhias carlistas do segundo batalhão de Girona, acantonado em la Sellera. Protegido por um espesso nevoeiro, tinha conseguido o inimigo, depois de diversas contra-marchas, surpreender n'este ponto esta pequena força que resistia heroicamente.

O general Huguet achava-se em Auver com uma parte dos terceiro e quarto batalhões da segunda brigada. Recebendo aviso da surpresa de la Sellera, saiu logo á frente dos seus e occupou o Pasterol. D'ahi deu ordens ao coronel D. Manuel Puigret de tomar quatro companhias do terceiro batalhão e tres do quarto para ir proteger o segundo, que o inimigo obrigára a sair de Sellera. O general Huguet, com a companhia dos guias, ia pela sua parte collocar-se acima d'Anglés, no ponto chamado La Pin-da.

Os affonsistas, á vista dos reforços conduzidos pelo coronel Puigret, fugiram á debandada e foram procurar um refugio em Anglés, onde permaneceram até ás onze horas. Neste momento, não se julgando em segurança, bateram prudentemente em retirada para Girona, perseguidos e molestados até ao Pla de Troyas pelas forças carlistas, que certamente não teriam deixado de os carregar á baioneta até ás portas de Girona, se não fóra o socorro oportuno que lhes chegou. Effectivamente o general Huguet, sabendo que as columnas d'Arrando e del Rayo reunidas procuravam collocar-se entre dous fogos, mandou cessar a perseguição e foi dormir tranquillamente a Anglés.

Os carlistas não tiveram n'este brilhante encontro mais do que um morto e tres feridos. As perdas dos liberaes são muito mais consideraveis. No dia seguinte, quarenta de seus feridos eram transportados em carro a Girona.

Um facto monstruoso, passado n'esta acção, demonstra claramente os selvagens instintos das hordas liberaes.

No movimento operado pelo segundo batalhão para sair de la Sellera, um voluntario carlista caiu nas mãos do inimigo. Este infeliz foi immediatamente assassinado, e seus membros mutilados serviram de ludibrio a soldados indigos que passearam orgulhosamente aquelles pedaços de carne palpitante, como um glorioso trofeu.

Eis o que é o liberalismo! eis o que é o affonsismo!

O sr. D. Carlos accedeu ao pedido de Dorregaray de ser submettido a um tribunal militar o seu proceder por occasião dos recentes acontecimentos do Centro. Eis a carta que a este respeito escreveu a Dorregaray:

«Meu caro general.

Recebi a tua carta de 3, na qual tu me pedes um inquerito para justificar a tua conducta no Centro.

Como combato pela justiça, consinto

em satisfazer ao teu desejo para te conservar a estima de que te teos tornado digno por teus serviços passados, ou para fazer pesar sobre ti os rigores das leis como sobre o ultimo de meus vassallos.

Que Deus te guarde, como o deseja o teu rei,

Carlos.

Quartel Real d'Estella, 7 d'outubro de 1875.

A's ultimas noticias tinham saído para Los Arcos SS. AA. RR. o duque de Parma e o conde de Caserta, seguidos a curta distancia pelo general Perola.

Hontem á noite, Sua Magestade, acompanhado de toda a casa real, seguido pelo esquadrao dos guardas a cavallo e 1.<sup>a</sup> bateria montada sistema Vavasseur, saiu de Estella na mesma direcção.

O inimigo buscou responder ao bombardeamento d'Hernani, Guetaria e S. Sebastião, voltando todo o furor de seus Krupps, recentemente desembarcados em S. Sebastião, contra Urdieta e Lasarte. Por enquanto não conseguiu tomar a mais pequena desforra, pelo contrario vão ser restituídos com usura a S. Sebastião os obuses tão inutilmente prodigalizados contra povoações indefesas.

J. B.

## GAZETILHA

Meeting. — Realizou-se ante-hontem, no theatro de S. Geraldo, uma reunião dos eleitores deste concelho, para deliberarem acerca da eleição da futura camara municipal.

Constituida a mesa, composta dos ex.<sup>mos</sup> snrs: visconde de Pindella, presidente; Antonio Lopes de Figueiredo e Manoel José Rodrigues de Macedo, secretarios, oraram os ex.<sup>mos</sup> snrs: conde de Bertandos, Manoel Joaquim Penha Fortuna, Antonio Maria Pinheiro Ferro e, Joaquim Alves Matheus e F. Xavier de Sousa Torres e Almeida.

Depois dos discursos destes cavalheiros, nomeou-se uma commissão, para organizar a lista dos individuos que devem gerir os negocios municipaes no futuro biennio, commissão que ficou composta dos seguintes snrs., os quaes tinham sido promotores do meeting:

Visconde de Pindella  
Antonio Brandão Pereira  
Antonio Esteves d'Amorim  
Antonio Fernandes Cortez Vieira  
Antonio José Pimenta Gonçalves Junior  
Antonio José Vieira da Cruz  
Antonio Lopes de Figueiredo  
Antonio Maria Pinheiro Ferro  
Bento Miguel Leite Pereira  
Boaventura José da Costa  
Conde de Bertandos  
Fernando Castiço  
Francisco de Campos d'Azevedo Soares  
Francisco Xavier de Sousa T. e Almeida  
Gonçalo Antão de Macedo Sá e Abreu  
João Antonio da Silva Pereira  
João Carlos Pereira Lobato  
Joaquim Alves Matheus  
José Alves de Moura  
José Borges Pacheco Pereira  
José Bandão Pereira  
José Joaquim Gomes d'Araujo Alvares  
José Joaquim Soares Russel  
José Jorge Soares Russel  
José Rodrigues Braga  
Manoel Joaquim Penha Fortuna  
Manoel José Rodrigues de Macedo  
Nicolau Barata de Mello Marinho  
Visconde de Montariol.

Bom livro. — Uma das melhores obras, que se publicaram acerca do Concilio do Vaticano, é, sem duvida, a que saiu á luz em França, com o titulo de *Le Triomphe de l'Eglise*, e que se compõe de interessantissimas cartas pastoraes de alguns prelados italianos, contendo uma exposição theologica, filosofica e historica das doutrinas definidas n'aquella sagraada assembleia, todo vertido em francez pelo doutor Maupied. Sobre esta versão franceza está fazendo outra em portuguez o ex.<sup>mo</sup> D. Miguel Sotto-Mayor, trabalho que se acha já muito adiantado, e que apparecerá brevemente a publico editado pelo sr. Manuel Malheiro, proprietario de um novo estabelecimento de livros no Porto.

Merecê.—O ex.<sup>mo</sup> José Borges de Faria Pacheco, Pereira, d'esta cidade, foi agraciado com a commenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Abalo de terra.—Sentiu-se um, bas-

tante violento, ante-hontem, entre Mafra e a Ericeira. Causou avarias em quasi todas as casas do povoado.

Horas a que se deve tomar o chá e o café. — N'uma obra sobre alimentação, publicada pelo dr. Dobel, indica este professor uns preceitos higienicos sobre as horas do dia mais apropriadas para tomar o chá e o café, que são dignos de attenção.

Em primeiro lugar, censura energeticamente o costume inveterado das classes mais abastadas de comer muito tarde e tomar á noite chá ou café; estas desordens na alimentação conduzem á dispépsia. Aconselha que se tome o café tres horas depois do almoço, se este tiver sido abundante; e se se quizer tomar chá ou café depois de comer, deve ser immediatamente em seguida, como se fóra o ultimo prato, para que assim faça parte da mesma comida e participem do mesmo processo digestivo.

Affirma tambem que o tomar o chá ou o café uma ou duas horas depois de qualquer comida, é o mais prejudicial que pôde haver.

Recommenda finalmente, n'uma parte da sua obra, que quatro horas depois de comer, ou então ao deitar, é muito conveniente beber um copo d'agua, pois limpa o estomago dos restos dos alimentos digeridos, produz um somno reparador e faz que a bôcca tenha bom paladar e a lingua esteja limpa ao acordar pela manhã.—(Do «Paiz».)

Publicação interessante.—Acaba de publicar-se em Turim uma obra do marquez de Montemar, sobre as negociações secretas por causa da elevação ao throno de Hispanha de D. Amadeu. A esta obra estão juntas as copias de muitos despachos secretos, de M. Bismark.

Estatistica curiosa.—Segundo uns trabalhos de estatistica parochial, que nos dizem existir, casaram em Portugal durante o anno de 1862, onze pessoas de mais de 80 annos, sessenta e oito de 70 a 80, trezentas e seis de 60 a 70, mil e dez de 50 a 60, quatro mil cento e onze de 40 a 50, treze mil cento e quatro de 30 a 40, vinte sete mil seiscentas e sete de 20 a 30, e quatro mil duzentas e vinte sete até 20.—[R. de Setembro.]

«Os Lazaristas». — A proposito d'este drama que tantos escandalos tem produzido no theatro portuguez, escreveu o distincto sr. padre Senna Freitas um opusculo intitulado «Os Lazaristas pelo «Lazarista» sr. Eneas».

O escripto do sr. padre Senna Freitas refuta cabal e brilhantemente as heresias historicas do dramaturgo maçon, que deu tão triste cópia de si, calumniando uma nobilissima instituição como a de S. Vicente de Paulo, a troco de alguns vinténs do tronço da beneficencia e de algumas palmas da claque assalariada.

Recommendamos aos amigos da verdade e das boas letras a leitura do interessante opusculo do distincto escriptor catholico.—(«Apostolo», do Rio de Janeiro.)

«A tenda de mestre Lucas». — É este o titulo de um romance religioso do rev.<sup>mo</sup> padre Senna Freitas, o talentoso auctor do livro «No Presbyterio e no Templo», que o sr. Ernesto Chardron acaba de editar no Porto.

O nome do romancista vantajosamente reputado no mundo das letras, é uma excellente recommendação para o seu novo livro.

Lêmos com toda a attenção «A tenda de mestre Lucas» e só achamos motivo para felicitar o seu illustrado auctor, que estreando n'este genero de litteratura, como diz, revela muita aptidão, e conseguiu fallar ao coração do leitor, narrando-lhe uma historia singela, mas commovente e perfumada de unction religiosa.

Não resta a menor duvida de que ao chegar-se á ultima pagina de tão bello livro, sente-se a gente mais perto de Deus, e mais entrado comsigo pela resignação e pela coragem para servir-nos quasi das proprias palavras do auctor.

«A tenda de mestre Lucas» ou a historia de um pobre de Deus contada por elle mesmo, é um livro digno de ser manuseado no seio das nossas familias. Ha n'elle paginas inspiradas e um perfume do céu que nos inebria a alma.

Nossos parabens ao sr. E. Chardron por mais este presente feito á litteratura dos dois mundos.—(Idem.)

Caminho de ferro do Douro e Minho.—A contar do 1.<sup>o</sup> de novembro proximo, será alterado o horario do caminho de ferro do Douro pela forma seguinte:

Os comboyos ascendentes partirão: o

1.º do Porto ás 7 horas e 45 minutos da manhã, chegando a Penafiel ás 9 h. e 31 m.; e o 2.º ás 3 h. e 50 m. da tarde, chegando a Penafiel ás 5 h. e 36 m. Os descendentes partirão: o 1.º de Penafiel ás 7 h. e 34 m. da manhã, chegando ao Porto ás 9 h. e 20 m.; e o 2.º de Penafiel ás 3 h. e 39 m. da tarde, chegando ao Porto ás 5 h. e 25 m.

Desde o mesmo dia haverá a seguinte alteração no horario do caminho de ferro do Minho:

Os comboys ascendentes partirão: o 1.º do Porto ás 6 h. e 42 m. da manhã, chegando a Braga ás 8 e 45 m.; o 2.º ás 9 h. e 30 m. da manhã, chegando a Braga ás 11 e 21 m.; o 3.º ás 4 h. e 40 m. da tarde, chegando a Braga ás 7 e 10 m.

Os descendentes partirão: o 1.º de Braga ás 6 h. e 24 m. da manhã, chegando ao Porto ás 8 e 27 m.; o 2.º ás 4 h. e 40 m. da tarde, chegando ao Porto ás 3 e 30 m.; o 3.º ás 4 h. e 30 m. da tarde, chegando ao Porto ás 6 e 43 m.

**Naufragios.**—Houve o anno passado, nas costas do reino e ilhas, 23 naufragios, em que morreram 34 pessoas e se salvaram 235. Foram 3 por agua aberta, 13 por encalhe, 5 dando á costa, 2 indo a pique. Os navios naufragados eram 2 vapores, 3 galeras, 5 hiatas, 1 lugre, 1 brigue, 1 escuna, 2 barcas, 2 brigues-barcas, 4 patachos, 1 palhote, 1 chalupa; 10 eram portuguezes, 9 ingleses, 1 soeco, 1 norueguez, 1 italiano e 1 prussiano. Sete d'estes naufragios foram nos mares das ilhas.

**Estadística.**—O anno passado foram construidas em 12 portos maritimos do reino 47 embarcações mercantes, sendo 16 palhotes, 3 patachos, 10 cabiques, 1 chalupa, 5 hiatas, 4 barcas, 3 rascas, 3 lanchas e 2 barcaças. Os portos de construcção foram Vianna 2, Porto 4, Villa do Conde 13, Espozende 5, Aveiro 2, S. Martinho 4, Peniche 1, Setubal 1, Villa Nova de Portimão 2, Faro 8, Olhão 7 e Tavira 1.

**Noticias d'Hispanha.**—A mentira e o descaramento reinam soberanamente em Madrid, e nas provincias que seguem a sua voz. Destruidas as falsidades que forjaram a respeito de Dorregaray e de Saballs, já têm outras inventadas; e estas dirigem-se tambem contra D. Carlos: como não pegou a do padre deitado pela escada a baixo, atribuem-lhe agora o ter matado um homem, bem que se não diga onde, e como.

Ha poucos mezes diziam que o Papa accitava a liberdade de cultos na Hispanha por lhe ter o cardeal Antonelli feito ver que não podia ser de outro modo; agora já declaram que o Santo Padre não reconheceu, nem reconhecerá essa infamia, dobrada com a subserviencia a Bismark,—acto duas vezes vil.

O nuncio em Hispanha, elevado ao cardinalato, recebeu o barrete das mãos de D. Alfonso com o ceremonial e pompa, usados em actos similhantes. O cardeal Simeoni deixou já de ser nuncio, e ficou pro-nuncio, prompto pois a sahir á primeira voz sem a apparencia de rompimento, que aliás parece proximo; ao menos os discursos do ablegado e do proprio nuncio deixam perceber que não é normal á situação das cousas entre Roma e Madrid.

As tropas de D. Carlos tem obtido algumas vantagens nos recontros com as tropas de D. Alfonso, divididas em troços, como as do seu contendor. Ha com tudo uma differença, e é que ás tropas de D. Carlos convém este systema de dispersão em pequenos bandos que atacam em varios pontos a um tempo, e dispersam-se logo; e as de D. Alfonso, deixando de obdecer a um centro unico e achando-se divididas, esmorecem e desmoralizam-se.

Fazem os partidos as suas combinações e conferencias em vista das eleições, mas quanto a nós outro é o fim verdadeiro. Os catholicos, esses é que não podem fazel-as, por que, mediante a astucia liberal, e as prizes e expulções de milhares de pessoas; cujo crime foi o affirmarem suas convicções catholico-unitarias, foram apagados das listas eleitoraes. O liberalismo é sempre assim. Veremos os resultados que hão de ser muito desgraçados.

(*Bem Publico*)

**A noite.**—Lê-se no «Campeão»: Quem não experimentou já alguma vez a inesperada impressão de uma repentina dor aguda?

Quem não entalou um dedo, ao fechar uma porta?

Quem, ao virar uma esquina, não abalrou com a grave individualidade de um gallego carrejão, com a impassivel unidade de um aguadeiro?

Comendo ou fallando, quem não mordeu ainda a lingua?

A noite entra perfeitamente n'esta ordem de ideias.

Qualquer d'essas impressões póde confundir-se com a noite, debaixo do ponto de vista commum.

O que é a noite?

Meditem bem e comprehenderão que é uma coisa que nos faz ver as estrellas.

O phenomeno dá-se assim:

O sol, fatigado de olhar para a terra, levanta os seus raios para o ceu, como o dissolve olhar d'um afflicto.

Esse olhar, cuja significação não apparece em dictionario algum, quer comtudo dizer em todos os idiomas—*ceu!*

Depois d'esses relampagos dos seus ultimos raios, cujos resplendores brilham em todas as direcções como os reflexos d'um incendio, elle desaparece por detraz das montanhas, esconde-se na escuridade do bosque longinquo, ou submerge-se no mar.

Algumas nuvensinhas caprichosas assomam no horizonte, cheias de impaciente curiosidade, e, ao verem-se illuminadas por aquelle ultimo olhar, param suspensas, vacilam no ar e como que coram.

O vento corre d'um e outro ponto com silenciosa mobilidade, deixando escapar esse silvo tenue que não ha letras com que se possa expressar e que quer dizer: silencio.

Se o vento, assim como tem azas, tivesse tambem mãos, creio que n'esse momento exprimia o seu pensamento pondo o dedo na bocca.

Ao passar embala as arvores, como se as quizesse adormecer.

As folhas cochicham e a agna saltita espadanando em tudo que encontra, e murmurando como um ceguinho que vae fallando só.

Desde então principiámos a vêr as estrellas.

O firmamento tornou-se mais azul para as receber.

O dia será mais resplandecente, mas a noite é mais formosa.

De dia vê-se de mais, é uma luz muito forte que nos mette tudo pelos olhos dentro.

Não deixa nada ao nosso desejo nem á nosso imaginação.

É uma especie de escalpello, que tudo diseca.

Um tagarello que dizia tudo, um indiscreto que tudo amostra.

O segredo da vida consiste em ver apenas um pouquinho das coisas e adivinhar o resto.

Para todo o namorado, a cara de mulher que a ama é um bouquet de perfeições.

Nenhuma lhe parece melhor.

Contudo um caso ha em que esta regra geral se vê unicamente compromettida.

Esse caso é outra cara coberta com um veu.

Estou certo de que os namorados ss amam mais de noite do que de dia, porque se vêem menos e se imaginam mais.

Essa côr de rosa, de que todos temos um bocado para embelesar a palidez da realidade, é um cosmetico que precisa de sombra para brilhar.

Uma creança está sempre muito mais alegre do que um homem, porque vê menos; e um velho está sempre mais triste do que um joven, porque já viu tudo.

Uma das cousas mais bellas é o pudor; pois bem, analyse-se e veremos que o pudor não é mais do que um veu.

A noite brilha no meio da escuridade, como o olhar de uma mulher em uns grandes olhos negros.

Quem quizer sondar o coração de uma mulher ou de um amigo—escolha a harmoniosa solidão de uma tranquilla noite serena.

Parece que então o coração humano se acha em face da eternidade e se descobre todo.

N'esse instante em que tudo é mysterioso e phantastico, a alma escapa com o perfume contido n'um vaso.

A noite é o momento das intimas confidencias.

O coração humano, como a magnolia, só se abre no silencio e na escuridade da noite.

Como não nos vemos, parece-nos que nós não somos nós mesmos.

Que nos importa o grande ruido da gente que passa na rua, ou o estrepito de um carro que absla o pavimento?

A' uma hora da noite o caso já muda de figura.

Os passos solitarios de um tranzeunte que resoam, na calçada, compaçadamente como as pancadas de um relógio, o murmuro de uma conversa que se esvae, o ruido de uma janella que se abre, uma voz, um tenue suspiro, um silvo, tudo excita a nossa attenção.

De noite parece que acabamos de nascer porque tudo se apresenta a nossos olhos com uma irresistivel novidade.

O dia é um escandalo, a noite um segredo.

De dia vê-se o que ha, de noite o que se sonha.

De dia vêem-se os palacios, as cidades, a pompa o luxo, a soberba dos homens.

A noite apaga com a sua implacavel mão invisivel o espectaculo da nossa grandeza, para que possamos levantar-nos um pouco acima da nossa miseria.

O dia, apresentando-nos por toda a parte a opulencia, o luxo, os equivocos sorrisos mentidos, os olhares atrevidos, os vestidos brilhantes,—em uma palavra a pequenez do nosso ser—diz-nos a cada passo: «o homem é isto.»

A noite, desdobrando o fio mysterioso dos nossos sentimentos e das nossas ideias, diz-nos «eis aqui a alma.»

De dia vê-se a terra, de noite o ceu.

De dia trabalha-se, de noite vive-se.

De dia o negocio, a officina; de noite o amigo, a amante, a familia.

#### SUBSCRIÇÃO

*Acha-se aberta uma subscrição para socorrer uma familia honesta, composta de duas senhoras, que, tendo vivido na abundancia, se acham agora, pela contingencia da sorte, reduzidas a extrema miseria.*

*Implora-se a caridade publica para adocar a penosa situação d'aquellas infelizes.*

*Os donativos podem ser entregues no escriptorio da administração d'este jornal, rua Nova, n.º 3.*

Um anonimo 500

## ANNUNCIOS

#### VAIRÃO

Pede-se ao revd.º snr. ecclesiastico de Vairão que ha tempos integrou certa quantia de dinheiro, em Braga, ao snr. Manoel José Vieira da Rocha, para entregar no recolhimento da Tamanca, declare n'esta redacção ou ao mesmo snr. se quella quantia pretence ao recolhimento de S. Domingos ou do Menino Jesus, pois ambos estão no logar da Tamanca, suburbios d'esta cidade. Sem a declaração pedida não póde ser entregue o dinheiro.

## AO PUBLICO

Constando-nos que se propza com má intenção que a Companhia La União de Madrid se recusou a pagar a indemnização pelo incendio do theatro da Trindade, cumpre-nos declarar para satisfação da dita companhia, e conhecimento do publico, que fomos integralmente embolsados dos dez contos de reis, 1:000,000 rs. valor seguro, no dia em que o director da companhia o ex.º snr. L. de Castro se comprometeu a realizar o pagamento.

Pela companhia Theatral do Porto.

Os gerentes,

Albano de Miranda Lemos  
Antonio Paes da Silva. (2762)

#### CONCURSO

A meza da Santa Casa da Misericordia, d'esta cidade, faz publico, que se acha a concurso um logar de capellão do côro da mesma Santa Casa. Os revd.ºs ecclesiasticos que queiram e se julguem habilitados, poderão lançar seus requerimentos na respectiva caixa e apresentar-se no dia 3 do proximo mez de Novembro, pelas 4 horas da tarde, na ante-sala das sessões da meza para serem devidamente examinados como determina o § 5.º do cap. 18.º do Compromisso.

Braga 25 d'Outubro de 1875.

O provedor,

Manoel Justino Marques Murta. (2764)

## A QUEM CONVENHA

Vende-se os bens de Louredo, e contrata-se com o padre Estevão Gomes Cardoso da freguezia d'Avella.

Vende-se duas moradas de casas na rua de S. Bernabé, com os numeros 9 e 10, e 10 A, de dous andares, com seus quintaes e poço. Quem as pertender falle com seu dono, que as vende juntas ou separadas. (2763)

## CASAL

Vende-se na Povia de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'«Alem» com todas as suas pertenças, livre de fóro ou penção. Dirigir-se ao proprietario ali, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (2759)

ANTONIO ALVES DOS SANTOS COSTA

DA RUA DA SÉ

TEM PARA VENDER

EUCALYPTUS GLOBULUS

(2760)

Companhia Edificadora e Industrial Bracarense.

A direcção d'esta companhia faz publico que em conformidade do disposto no artigo 3.º § 6.º do respectivo regulamento, abriu o seu escriptorio no campo de Sant'Anna n.º 71 D, 2.º andar onde se dão consultas relativas a industria particular, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde nos dias não sanctificados.

Encarrega-se esta direcção de todos os trabalhos relativos a projectos construcções em geral, como irrigações, drenagens, architectura, levantamento de plantas, estradas, caminhos de ferro, construcção de rodas hydraulicas, e todo quanto diz respeito a obras hydraulicas, machinas de vapor etc.

A direcção proporcionará garantias seguras, e preços mais commodos para a confecção dos respectivos projectos, direcção e execução de obras, apresentando a competente tabella de preços, ou fazendo os ajustes mais modicos e compatíveis com os fins a que se propõe.

Os directores

Fernando Castiço.  
José Alves de Moura.  
Francisco da Silva Araujo.

(2747)

A antiga sociedade viação bracarense

Continúa com as suas carreiras diarias entre Braga, Barca, Arcos e Monsão, desde o dia 28 de outubro em diante, retiram provisoriamente o carro que d'esta cidade sae ás 5 horas da tarde para Monsão e vice-versa.

Braga 20 de outubro de 1875.

(2756)

José Luiz Ferreira.

## ALUGA-SE

Uma casa feita de novo, sita na rua das Agoas, n.º 91. Trata-se na rua dos Chãos n.º 13.

Póde vêr-se das 10 horas da manhã, até á 1 da tarde. (2694)

